Maria, figura feminina na história da salvação

Maria Nivaneide de Abreu Lima[1]

Resumo
Neste trabalho, pretende-se pensar o feminino em Maria de Nazaré, não no âmbito da divindade, da "deusa" distante do mundo dos humanos, mas pensá-la como mulher e seu lugar na história da salvação. Para isso, ensaiamos um novo olhar para a Maria na Bíblia, especificamente no relato da Anunciação e no *Magnificat*, lidos a partir das luzes trazidas pela abordagem da libertação, com vistas a reconhecer em Maria elementos que compõem sua feminilidade e que sejam pontos de encontro e identificação entre a mãe de Jesus e as mulheres e os homens de nosso tempo.

Palavras-chave: Hermenêutica bíblica. Maria. Mulher

Introdução

Ariano Suassuna, em uma de suas palestras, fala a seu público sobre a oração da Ave Maria ensinada aos indígenas pelos missionários. A oração fora traduzida do latim para a língua tupi e, posteriormente, traduzida do tupi à língua portuguesa, ganhando uma nova roupagem e significado: "Salve Maria, cheia de formosura, o Pai que mora na tenda da chuva está contigo. Entre todas as mulheres, tu és a formosíssima. E Jesus, teu Filho, é Belo. Maria boa, Mãe do Pai que mora na tenda chuva, pede por nós, gente ruim, agora e no sol do nosso morrer. Amém.".

Na belíssima oração, assim como no imaginário popular, Maria recebe atributos quase divinos: Jesus é o Belo, mas ela é Formosíssima. É apresentada como "Mãe do Pai que mora na tenda da chuva", como "Maria boa", tão diferente e distante dos humanos, "gente ruim", e ao mesmo tempo, poderosa e capaz de pedir por eles.

No sonho de Morgana, no final do quarto volume de *As Brumas de Avalon*, ao

[1] Mestranda em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. Bolsista da CAPES. Graduada em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, e licenciada em Letras - Português e Espanhol, pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: nivaneideabreu@hotmail.com

chegar à capela das monjas e enxergar a imagem de Maria, a sacerdotisa de Avalon conclui que a Deusa que cultuava "está dentro de nós, está no mundo também, agora e sempre, tanto quanto está em Avalon e no coração dos homens e das mulheres", de modo que todos os que precisam de um sinal neste mundo sempre o verão (BRADLEY, 1989, p.178).

No romance, o culto à Deusa pagã persiste na religião cristã na figura de Maria, a Mãe de Jesus. O que pode ser visto não apenas como um fenômeno de sincretismo, mas como resistência do feminino numa religião patriarcal. Os católicos sabem que Maria não é deusa, mas a ela dirigem preces, orações e agradecimentos, e não apenas pedindo sua intercessão, mas pedindo-lhe e rendendo-lhe graças; fazem promessas e votos; e a ela se consagram.

Neste trabalho, no entanto, pretende-se pensar o feminino em Maria, não no âmbito da divindade, da resistência do culto a uma "deusa" distante do mundo dos humanos, mas pensar a figura de Maria de Nazaré. Pensá-la como mulher, fato que não é irrelevante. Interessa a pergunta pelo lugar de Maria na história da salvação (BOFF, 1979, p. 73), enquanto símbolo de profecia e engajamento em favor do seu povo, e, sobretudo, se a devoção a Maria pode ajudar na remissão do feminino e no protagonismo das mulheres, em uma religião e sociedade marcadas pelo patriarcado.

1 A redescoberta e o acesso a Maria de Nazaré

Em seu livro *Maria de Deus e dos pobres*, Temporelli recorda-nos que Maria é a única referência feminina no Credo. Ela emerge no Novo Testamento como um personagem arquetípico e, mais do que isso, como personagem que atravessa o tempo, contemporâneo a todas as gerações. Ressalta que também entre as Igrejas da Reforma houve mais interesse; após um período sem a levarem em consideração, viveram uma redescoberta de Maria a partir da Bíblia, e muitos a viram como a figura feminina na história da salvação (TEMPORELLI, 2010, p.5-6).

Para acercarmo-nos da figura de Maria, recorremos aos evangelistas. Dos vinte e sete escritos do Novo Testamento, apenas os evangelistas fazem referência a Maria, embora apenas Mateus, Marcos e Lucas, no Evangelho e nos Atos dos

Apóstolos, a nomeiem. João sempre se refere à Maria como a "mãe de Jesus" ou "sua mãe"[2]. Vale lembrar que os textos referentes à Maria no Novo Testamento têm uma perspectiva cristocêntrica e eclesial. Maria aparece relacionada a Jesus e a seus seguidores (MURAD, 2012, p.37).

Os Evangelhos não são uma biografia de Jesus. Sua preocupação é teológica. Relatam, a respeito de Jesus, aquilo que manifesta uma realidade que não se esgota no fato meramente particular. Assinalam um fato, milagre ou palavra, porque manifestam aos que creem o mistério de Jesus salvador. Do mesmo modo, os textos que fazem alusão a Maria não pretendem contar a história da mãe de Jesus, mas oferecem-nos pistas para conhecer sobre o essencial sobre sua vida e significado para a comunidade cristã.

Assim, não pretendemos uma leitura de todos os textos evangélicos nem uma análise exaustiva dos que apontamos, apenas recolher pistas que revelem traços da personalidade da mulher que foi a mãe de Jesus. Recorreremos, sobretudo, ao Evangelho de Lucas, base para a mariologia contemporânea, segundo o qual Maria estava presente no nascimento de Jesus (Lc 2,1-20) e no nascimento da Igreja (At 1,14). Aqui, abordaremos o Relato da Anunciação (Lc 1,26-38) e o *Magnificat* (Lc 1,46-55), em vista de reconhecermos em Maria elementos que compõem sua feminilidade e que sejam pontos de encontro e identificação entre a mãe de Jesus e as mulheres do nosso tempo.

1.1 O relato da Anunciação

O Papa Paulo VI, na *Exortação Apóstolica Marialis Cultus*, observa que é problemático falar da imagem de Maria, resultante da literatura devocional, como modelo de mulher, visto que há certo desconcerto entre os dados desse culto e as atuais concepções antropológicas e a realidade psicossociológica em que vivem os homens e mulheres do nosso tempo (cf. MC, n.34).

Ao mesmo tempo, acentua que também em nossos tempos é necessário aquilatar o conhecimento da realidade com a Palavra de Deus, e, nesse sentido, confrontar as suas concepções antropológicas e os problemas que daí derivam com

[2] Não levamos em conta Ap 12, por vezes interpretado como texto mariológico.

a figura da Virgem Maria proposta nos Evangelhos. Nesse sentido, faz-se necessário revisitar os textos bíblicos sem o olhar viciado da Tradição, para redescobrir uma figura de Maria que não desiluda as aspirações dos nossos contemporâneos e que lhes ofereça o modelo acabado do discípulo do Senhor (cf. MC, n 37).

No relato da Anunciação, Maria é apresentada como uma virgem de Nazaré da Galileia, desposada com um varão chamado José, da Casa de Davi (Lc 1,26), como uma moça da aldeia, de "Nazaré da Galileia". Até então Nazaré nunca fora mencionada nas Escrituras. Era uma região pouco considerada, como se pode concluir pela pergunta de Natanael: "De Nazaré pode sair algo de bom?" (Jo 1,46).

A Galileia era uma região conhecida como região híbrida, pouco ortodoxa (FABRIS, 2006, p.31), de modo que seus habitantes eram questionados pelos fariseus por serem flexíveis quanto à prática da Lei. Era uma região fértil. Seus habitantes eram agricultores ou pescadores, pois viviam próximo ao chamado Lago de Tiberíades ou Mar da Galileia. Contudo, pelos altos impostos cobrados pelo Império Romano, eram empobrecidos. E é entre esses pobres que vive a Mãe de Jesus.

Maria é desposada com José, da casa de Davi, o que, segundo Fabris, justifica a promessa do versículo 32. A essa jovem o anjo dirige a saudação "Alegre-se", chamando-a de "agraciada" e assegurando-a de que o Senhor está com ela (Lc 1,28). Maria se assusta (Lc 1,29) e é tranquilizada (Lc 1,30). O anjo anuncia o nascimento de um filho, seu nome e sua missão (Lc 1,31-33). Maria questiona (Lc 1,34), recebe um sinal (Lc 1,36) e responde consentindo que a Palavra de Deus se faça nela (Lc 1,38).

O relato acontece em forma dialógica, o que revela seu caráter relacional, supõe reconhecimento e liberdade, o que se contrapõe à imagem de Maria, que por muito tempo prevaleceu na tradição, "calada e perpetuamente cordata", como dirá Bingemer, apresentada como modelo às mulheres (1991, p. 67). O questionamento de Maria (Lc 1,34) revela que ela não era uma mulher ingênua. E, diferente do relato do anúncio a Zacarias (Lc 1,5-25), o anjo espera uma resposta de Maria antes de deixá-

la (Lc 1,38)[3].

Assim, a figura de Maria, que transparece nessa perícope do Evangelho segundo Lucas, é de uma jovem judia, que esperava a concretização das promessas feitas aos seus antepassados, que se coloca à escuta do Senhor, que se deixa surpreender e interpelar por sua presença, o questiona e aceita participar de seu projeto salvífico em favor de seu povo. Mesmo sabendo das consequências, dos riscos que corria, o que posteriormente ficará evidente aos leitores do Evangelho, pela profecia de Simeão sobre o menino (Lc 2,34).

O questionamento de Maria ao anjo: "como é que vai ser isso?" sugere que a jovem era perspicaz. Ela sabia do risco que corria em ficar grávida de alguém que não fosse seu marido, bem como do risco de dar à luz um menino destinado a ser herdeiro do trono de Davi. Desse modo, pode-se concluir que a fé de Maria traduzia-se em coragem para aderir à vontade de Deus e aventurar-se, e em disposição para arcar com todas as consequências de sua decisão.

1.2 O *Magnificat*

É no contexto da Visitação que Lucas põe nos lábios de Maria o *Magnificat* (Lc 1, 46-46-55) que, como os cânticos de Zacarias (Lc 1,67-79) e Simeão (Lc 2,29-32), celebra a presença do Espírito Santo, o anúncio da salvação em Jesus, a promessa que se estende a toda a humanidade, a esperança e a certeza da intervenção de Deus em favor de seu povo. Os três personagens celebram a vinda do salvador (cf. MURAD, 2012, p.72).

No *Magnificat*, a protagonista é Maria de Nazaré, uma mulher real e humana, que carrega em si o destino e as expectativas de um povo de quem é porta-voz e símbolo. A sua obediência a Deus é acompanhada de rebeldia face a tudo que se opõe a esse projeto, como nos recordar Bingemer, ao falar de Maria como a que soube dizer não (cf. BINGEMER, 1991, p. 88). É a Maria obediente do sim que canta o profético e libertador *Magnificat* (Lc 1,46-55).

[3] Diferente do relato da anunciação do nascimento do Batista a Zacarias, no qual o destinatário da mensagem é apenas informado sobre o nascimento da criança. Murad (2012, p.62-66) aponta detalhadamente a diferença entre os dois relatos.

Em seu ensaio, a teóloga explica que o Evento definitivo da Encarnação acontece no corpo e na vida de Maria e que o texto de Lc 1,46-55 comporta uma parte positiva e uma parte negativa. A primeira comporta o sim dócil dado na obscuridade da fé e a constatação das maravilhas de Deus que são operadas na história, o seu sim primordial e constante de Deus na história, que escolhe, revela e ama (cf. Lc 1,46-50.51a.52b.53a.54-55). A segunda, a constatação de um Deus que age em favor do seu povo, mas que faz pesar o seu braço sobre os que pretendem oprimir esse povo (cf. Lc 1,51b.52a.53b). E Maria é porta-voz dessa subversão de Deus, da reversão da ordem estabelecida iniciada com a Encarnação (cf. BINGEMER, 1991, p. 91).

Como as mulheres de Israel, das quais é herdeira, Maria é também portadora do sim de Deus, que anuncia a promessa e a chegada dos novos tempos, mas também do não de Deus às forças do Anti-Reino, que ameaça destruir seu projeto salvífico, ao mal social e ao mal teológico, o pecado. Ela é porta-voz dos pobres e humildes, porque ela é pobre e humilde (cf. BINGEMER, 1991, p. 93).

Assim, Maria não é aquela que diz sempre sim, conforme defendia a *Marialis Cultus* (n. 37). E, dessa forma, é modelo para os que não se mantém passivos ou alienados face às injustiças. Seu cântico expressa, ao mesmo tempo, gratidão ao Senhor por seus favores e anuncia uma nova ordem na qual Deus exalta os humildes e derruba os poderosos. O revolucionário manifesto da chegada do Reino é proclamado por Maria. No *Magnificat*, temos a mulher profética e solidária com o plano salvador de Deus e com as aspirações do seu povo (cf. BINGEMER, 1991, p. 93).

2 Maria de Nazaré, símbolo de profecia e engajamento

Nos textos da Teologia da Libertação a figura de Maria como rainha elevada aos céus foi rechaçada e se sublinha a imagem da representante dos pobres de Javé, ao lado de Zacarias, Isabel, Simeão e Ana. O fato de que Deus tenha escolhido uma jovem pobre para ser a mãe de seu Filho é sinal de sua opção pelos pobres, de que está ao lado deles. Desse modo, os pobres hoje têm a possibilidade de se identificar com a figura de Maria, visto que experimentam as mesmas condições socioeconômicas que ela (BERGEON, 1986, p.361).

Bergeon associa o conteúdo do *Magnificat* e das Bem-aventuranças com a

compreensão da tarefa do Messias, expressa na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-19). As três perícopes mostram que o conteúdo da salvação é concreto. É uma boa nova para os pobres, proclamação da liberdade aos presos, recuperação da vista dos cegos e a restituição da liberdade aos oprimidos. Lc 4,18 também reflete a realidade da comunidade lucana e suas esperanças (cf. BERGEON, 1986, p.361).

Ao cantar o *Magnificat*, Maria proclama a chegada do Reino e as maravilhas de um Deus que intervém na história. E é nesse sentido que a teóloga fala de Maria como símbolo da libertação. Também defende que "com seu *fiat*, ela é símbolo de um verdadeiro discípulo, que por seu 'sim' vem a ser o instrumento da salvação de Deus, toma parte na história da salvação" (BERGEON, 1986, p.362).

Bergeon considera Maria como símbolo inspirador de engajamento no contexto político e social, mas não no contexto da política dos sexos, se levarmos em conta a leitura que se fazia até então, visto que tal leitura era feita por homens.

> Maria foi, ao longo dos tempos, interpretada como uma mulher obediente, sofredora, compassiva, afetuosa, protetora, meditativa, introspectiva, eterna virgem (e desse modo assexuada), etc. Estes atributos todos se associam a uma pessoa que se apaga, que é marginalizada ou que é vítima (BERGEON, 1986, p. 367).

A teóloga recorre ao argumento de Guttierrez, segundo o qual uma nova sociedade e uma nova espécie de pessoa só podem ser plasmadas pelos próprios oprimidos, fundamentados nos seus valores e que uma autêntica revolução social e cultural só pode ser criada pelos sujeitos dela, nunca para eles. Assim, as mulheres devem afastar-se das análises teóricas sobre feminilidade feitas pelos homens, pois somente elas, em suas lutas concretas, são capazes de estabelecer os critérios de compreensão do feminino.

Outra teóloga que refletiu sobre a figura de Maria enquanto símbolo de libertação foi Candiotto, para quem Maria é a mulher a partir da qual Deus toma a defesa dos pequenos e, dentre eles, a das próprias mulheres. Pelo "Faça-se", Maria abre-se ao plano de Deus: restitui ao ser humano o Reino. Ao pronunciar o *Magnificat*, Maria verbaliza o compromisso que assumiu não só verticalmente com Deus, como também horizontalmente com a humanidade (CANDIOTTO, 2011, p.204).

Para a autora, a teologia das relações de gênero latino-americana, quando trata dessa mulher historicamente singular, pergunta quem é Maria e como as

mulheres podem se aproximar dela.

> Essa teologia, geralmente inspirada na interpretação do *Magnificat* (Lucas 1,46-53) feita pela própria Teologia de Libertação, apresenta um retrato de Maria que a vincula diretamente à maioria das mulheres do continente. As teólogas feministas da libertação veem Maria a partir da característica central da maternidade, porém se trata de uma maternidade estendida para além da interpretação da teologia tradicional. Nas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), a Mãe Maria designa uma mulher que se identifica com todas as lutas do cotidiano das mulheres (CANDIOTTO, 2011, p.205).

Também o *Documento de Aparecida* oferece uma palavra sobre a identificação do nosso povo com o Cristo Sofredor e com Maria, em quem vê a mensagem essencial do Evangelho. Explicita que Guadalupe faz com que seus filhos menores sintam-se guardados, e que Aparecida é um convite a lançar as redes ao mundo para tirar do anonimato os filhos esquecidos, reaproximá-los da fé e reuni-los em torno de Jesus Cristo (DAp, n.265).

Ao mesmo tempo, apresenta-nos Maria como discípula missionária, máxima realização da existência cristã, por sua fé e obediência à vontade de Deus (cf. Lc 1,38), sua meditação constante da Palavra e das ações de Jesus (cf. Lc 2,19.51); como interlocutora do Pai e colaboradora dos discípulos; como mulher livre e forte, orientada para o seguimento de Cristo; e como peregrina da fé (DAp, n.266). Maria de Nazaré, nesse sentido, é modelo de discipulado, que deve inspirar homens e mulheres na vivência de sua fé.

Considerações finais

Este estudo pretendeu uma aproximação de Maria de Nazaré, a fim de conhecermos a mulher que foi a mãe de Jesus, seu lugar na História da Salvação, como símbolo de profecia e engajamento em favor do seu povo, e de resgatarmos uma imagem de Maria que responda às inquietações das mulheres do nosso tempo. O relato da Anunciação e o *Magnificat*, lidos a partir de teólogas como Bingemer, Bergeon e Candiotto, que nos ajudam a perceber uma Maria íntegra, decidida, cheia de coragem, inteirada das dores e esperanças de seu povo e engajada nessa causa.

Esta reaproximação da figura de Maria tal como nos foi transmitida pelos

evangelistas, sem as marcas de uma tradição patriarcal, favorece a reaproximação e identificação com a Mãe de Jesus, a mulher, a humana, não a Rainha, a Maria boa, tão diferente da "gente ruim" como rezavam os indígenas e como ainda hoje acredita boa parte do nosso povo.

A redescoberta da figura de Maria, discípula por excelência entre discípulos, é fundamental na recuperação da identidade e valor da mulher na Igreja, ensina-nos o Documento de Aparecida (n. 451). Isso leva-nos a questionar como a devoção à Mãe de Jesus – marcante em nosso país, como confirmam as grandes festas, os santuários a ela dedicados, as imagens espalhadas em nossas cidades – poderia ajudar na superação do machismo e favorecer a libertação do feminino, a começar pelo contexto eclesial.

Referências

BRADLEY, Marion Zimmer. **As brumas de Avalon:** o prisioneiro da árvore. Tradução de Waltensir Dutra, Marco Aurelio P. Cesarino. 10. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

BERGEON, Inger Hjuler. Maria, modelo de libertação da mulher?: reflexões de uma luterana escandinava sobre a teologia da libertação da América Latina. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte. v. 18, n. 46. p. 359-369. set./dez.. 1986.

BINGEMER, Maria Clara. **O segredo feminino do mistério**: ensaios de teologia na otica da mulher. Petrópolis: Vozes, 1991.

BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus, ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. Maria: duas leituras a partir da teologia feminista. *In*: PERETTI, Clélia (Org.) **Congresso de Teologia da PUCPR**, 10, 2011, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: Champagnat, 2011. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2011. Acesso em: 4 de set de 2020.

CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE. **Documento de Aparecida**. Brasília: CNBB, 2007.

FABRIS, Rinaldo. **Os Evangelhos II**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**: compêndio de Mariologia. São

Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.

PAULO VI. **Marialis Cultus**. Exortação Apostólica para a reta ordenação e desenvolvimento do culto bemaventurada Virgem Maria, 1974. Disponível em: h ttp://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_pi_exh_1974 0202_marialis-cultus.html. Acesso em 20 de set de 2020.

TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres**: releitura dos dogmas marianos. São Paulo: Paulus, 2010.

SUASUNA, Ariano. **Aula Espetáculo.** Disponível em: http: //www.youtube.com/w atch?v=Xc. Acesso em 01 set de 2020.